



Chrys Chrystello*

O ponto final e as ofensas da geração

Pontos finais podem incomodar a Geração Z, alertam linguistas.

De acordo com especialistas em linguística, os jovens muitas vezes se sentem intimidados pelo uso de pontos finais nas comunicações nas redes sociais. Essa pontuação é frequentemente interpretada como um sinal de raiva, principalmente entre adolescentes e jovens na faixa dos 20 anos, conhecidos como Geração Z, que estão mais acostumados a enviar mensagens curtas sem o uso de pontos finais. Além disso, um estudo realizado na Universidade de Binghamton, em Nova Iorque, indicou que indivíduos que concluem as suas mensagens com pontos finais podem ser percebidos como insinceros. Agora, especialistas em linguagem estão a tentar descobrir por que os adolescentes veem um texto pontuado corretamente como um sinal de que alguém está irritado.

A discussão recomeçou quando a escritora Rhianon Cosslett tuitou: “Pessoas mais velhas – vocês percebem que terminar uma frase com um ponto final soa um pouco abrupto e hostil para os jovens em um e-mail/chat? Estou genuinamente curiosa.” Muitos utilizadores do Twitter acharam isso difícil de acreditar, e uma pessoa chegou a acusá-la de ser excessivamente sensível, apesar de ela própria usar ponto final.

A escritora de romances policiais Sophie Hannah respondeu: «Acabei de perguntar ao meu filho de 16 anos – aparentemente isso é verdade. Se ele recebesse uma mensagem com pontos finais no final das frases, pensaria que o remetente era “estranho, malvado ou muito direto”». Especialistas explicam que os jovens que estão acostumados a se comunicar eletronicamente muitas vezes preferem dividir os seus pensamentos enviando cada um como uma mensagem separada, em vez de usar um ponto final. Eles reservam os pontos finais para indicar aborrecimento ou irritação.

Alguns argumentam que usar ponto final em mensagens de texto é desnecessário, pois o simples envio da mensagem já indica sua conclusão.

De acordo com o *The Telegraph*, a linguista Dra. Lauren Fonteyn, da Universidade de Leiden, na Holanda, tuitou: “Se você enviar uma mensagem de texto sem ponto final, já fica óbvio que você concluiu a mensagem.” Adicionar esse marcador extra para indicar conclusão pode levá-los a interpretá-lo como uma entonação descendente ou tom negativo.

Owen McArdle, linguista da Universidade de Cambridge, disse ao jornal: “Não estou totalmente convencido sobre e-mails. Suponho que dependa do grau de formalidade. Mas, na minha experiência, os pontos finais são uma exceção e não a regra nas mensagens instantâneas [dos jovens], e têm uma nova função de indicar um tom de voz abrupto ou irritado.”

A possível mudança no significado do ponto final na comunicação online tem sido um tema de debate entre linguistas há muitos anos.

O professor David Crystal, renomado especialista em linguística, sugere que o uso do ponto final está passando por uma revisão significativa. Em seu livro “*Making a Point*”, ele propõe que o sinal de pontuação agora funciona como um “marcador de emoção”, sinalizando ao destinatário que o remetente está chateado ou irritado. Crystal escreve: «Veja a internet ou qualquer troca de mensagens instantâneas — qualquer coisa que seja um diálogo rápido. As pessoas simplesmente não colocam pontos finais, a menos que queiram enfatizar algo. O ponto final agora está a ser usado nessas circunstâncias como um marcador de emoção.»

Em 2015, um estudo da Universidade de Binghamton, em Nova Iorque, sugeriu que indivíduos que concluem as suas mensagens com pontos finais são considerados insinceros.

Andam tantos loucos cá fora e os hospitais psiquiátricos vazios! Por enquanto a maior parte desta insanidades ainda não chegou à Ibéria e demorará ainda mais a chegar a este arquipélago, mas é difícil igualar tanta incongruência. Estava a pensar em 3 pontos para enfatizar mas posso ofender mais alguém.

*Jornalista, Membro Honorário Vitalício nº 297713
MEEA-AJA (IFJ)



Carlos Pinheiro

Tio Alberto e a Mota Vermelha

Há imagens que ficam connosco para sempre, mesmo quando tudo o que as rodeava já desapareceu. A minha, guardada com um carinho que o tempo não conseguiu desbotar, tem lugar marcado à porta da EBI Francisco Ornelas da Câmara. Era ali que o Tio Alberto, figura incontornável da nossa adolescência, montava diariamente o seu pequeno império de ternura, engenho e fritos irresistíveis.

O Tio Alberto era já um homem de idade, desses que o tempo vai dobrando mas nunca quebra. Chegava todos os dias à escola na sua mota vermelha de três rodas, transformada pelas suas próprias mãos numa pequena banca ambulante. Inventou uma cobertura improvisada para a trela da mota e, mesmo sem sabermos, estava ali a primeira grande lição de criatividade aplicada ao quotidiano. Para nós, alunos apressados e esfomeados, aquele engenho era apenas o portal para um mundo de sabores simples, mas que alegravam qualquer manhã cinzenta. Ele e o filho Henrique passavam as noites a fritar as famosas batatas, embaladas em pequenos sacos transparentes que amanheciam prontos, empilhados com orgulho na traseira da mota. As “batatas dos toiros” eram mais do que um lanche. Eram um pequeno ritual, um gesto de felicidade que custava apenas 50 escudos. Ao lado delas havia pipocas doces e salgadas, chocolates, chupa-chupas e as tentadoras pastilhas a 5 escudos, proibidíssimas dentro das salas mas consumidas com a adrenalina própria da idade.

O negócio fazia-se através das grades de ferro que limitavam o perímetro escolar. Hoje, seria certamente impossível. Entre regras sanitárias modernas, inspeções económicas e legislações rigorosas, a magia artesanal e inocente do Tio Alberto dificilmente encontraria lugar. Mas, na altura, bastava-lhe estar lá e estar sempre. Fizesse

vento ou chuva, lá estava ele. Nunca falhava. E nós também não: corríamos nos escasos minutos do intervalo para garantir o nosso pacote de batatas ou um chocolate que, por instantes, parecia resolver todos os problemas da vida de estudante.

Para os mais sortudos, os que tinham autorização para sair, havia ainda outro destino possível: as míticas baguetes deatum do Palheiro. Outro capítulo de um tempo em que a simplicidade alimentava mais do que o corpo, alimentava o espírito.

Os anos passaram. O Tio Alberto já partiu, o seu filho Henrique emigrou, o Palheiro fechou portas e nós seguimos para a “Escola Nova”, a ES Vitorino Nemésio. Tudo mudou e, de certa forma, é assim que deve ser. O progresso chega, as realidades ajustam-se, as normas apertam. Hoje dir-nos-ão que tudo está melhor. Talvez esteja, mas isso nunca apagará o encanto daqueles dias em que a felicidade cabia num saco de batatas vendidas através de umas grades.

O que fica, afinal, são as memórias. E que belas memórias. Ficam também as saudades daquela mota vermelha, daquele sorriso sempre disponível e daquele cheirinho a batatas fritas que parecia abraçar-nos à saída de cada aula. Fica, sobretudo, a vontade impossível de reencontrar um sabor que não era apenas gastronómico mas emocional. Porque, no fundo, o Tio Alberto não vendia apenas batatas. Vendia instantes de alegria, vendia normalidade, vendia aquela sensação tão rara de que o dia só estava completo depois de ali passarmos.

E é por isso que a sua imagem permanece, marcante e viva, muito depois de tudo à sua volta ter desaparecido. Algumas pessoas passam. Outras ficam. O Tio Alberto ficou.